

O servo é agora o mestre



Por **WOLFGANG STREECK***

Os EUA mostram-se impotentes face à desobediência descarada de seu aliado internacional mais próximo

O massacre israelense em Gaza é uma catástrofe e não apenas para os presos torturados da cidade, que definha há décadas sob uma ocupação impiedosa. Os Estados Unidos em particular, mas também a Alemanha, estarão para sempre intimamente associados a este massacre implacável de milhares de homens, mulheres e crianças inocentes, um massacre que ambos os países continuam a subscrever material e diplomaticamente.

Dois meses e meio após o assassinato em massa, os EUA vetaram uma resolução do Conselho de Segurança que devolveria alguma esperança de sobrevivência aos habitantes da Faixa de Gaza que ainda restam após o inferno de bombardeios e bombardeios contínuos. Até então, após a fuga do Hamas e o ataque assassino a kibutzim perto do muro de Gaza, mais de 20.000 habitantes de Gaza haviam sido mortos, 8.700 deles crianças e 4.400 mulheres, e 50.000 feridos, em comparação com 121 soldados israelenses mortos, um quinto deles vítimas de fogo amigo ou acidentes de trânsito. Desde o início da guerra, a força aérea israelense afirma ter bombardeado 22 mil alvos “terroristas”: mais de 300 por dia, todos os dias, em uma área do tamanho de Munique.

À medida que o ano se aproxima do fim, 90% dos cerca de 2,3 milhões de habitantes da Faixa de Gaza se encontram já desabrigados, perseguidos pelos militares israelenses de norte a sul da Faixa de Gaza e de volta. São instruídos a se abrigar em zonas supostamente seguras, as quais são posteriormente bombardeadas. Há fome beirando a inanição, assistência médica escassa, sem combustível, sem fornecimento regular de eletricidade e sem indicação de que a matança terminará tão cedo.

A razão dada pelos EUA para vetar a resolução do Conselho de Segurança que exigia um cessar-fogo imediato foi que isso seria “irrealista”. Enquanto isso, o governo alemão, liderado por sua ministra feminista das Relações Exteriores, Annalena Baerbock, exige “pausas humanitárias” como alternativa à paz. Mas após essas pausas os assassinatos devem continuar até que o “Hamas”, sustentado ainda por refeição gratuita das Nações Unidas, mas preparado para a morte, seja finalmente “erradicado”.

O que é estranho é que, no fluxo interminável de relatórios e comentários sobre a guerra de Gaza, quase nunca se menciona que Israel é uma potência nuclear – e de modo algum vem a ser uma potência menor. Para um pequeno país, Israel está fortemente armado, e não apenas convencionalmente. Ao todo, Israel gasta mais de 4,5% de seu PIB em suas forças armadas (dados de 2022), o que provavelmente não inclui uma boa quantidade de assistência militar gratuita fornecida pelos EUA e pela Alemanha.

Antes do último ataque a Gaza, estimava-se que Israel tivesse pelo menos 90 ogivas nucleares e estoques de material físsil de mais de 200. Ainda mais importante, Israel tem à sua disposição toda a gama de meios de entrega nuclear, o chamado tripé: terrestre, aéreo e marítimo. Os mísseis nucleares terrestres de Israel são supostamente mantidos em silos profundos

a terra é redonda

o suficiente para resistir a um ataque nuclear, tornando-os adequados não apenas para um primeiro, mas também para um segundo ataque.

Para a entrega nuclear por via aérea, as IDF mantêm uma frota de pelo menos 36 de um total de 224 aviões de combate com uma ampla capacidade de reabastecimento. Israel também tem seis submarinos – da chamada classe Dolphin – que, acreditam os especialistas, podem disparar mísseis de cruzeiro com armas nucleares.

Os mísseis têm um alcance estimado de 1.500 quilômetros, fornecendo a Israel uma plataforma quase invulnerável para defesa nuclear ou, conforme o caso, para o ataque. Geralmente, pode-se supor que Israel comanda todo o espectro de capacidades nucleares, desde armas táticas de campo de batalha até o bombardeio aéreo de áreas de preparação militar, até o bombardeio de cidades como Teerã.

Não se sabe exatamente como Israel se tornou uma potência nuclear, provavelmente pouco a pouco, passo a passo. Certamente, não há falta de ciência nuclear em Israel. Os EUA podem ter ajudado, algumas administrações mais do que outras, juntamente com amigos americanos de Israel no interior do complexo militar-industrial dos EUA. Como outras potências nucleares fora do armário, os EUA se dedicam à não-proliferação e, de fato, têm um forte interesse nacional nela, assim como a Rússia e a China.

A espionagem pode, no entanto, ter sido um fator; lembrem-se de Jonathan Pollard, um analista de defesa dos EUA e espião israelense que, após sua descoberta em 1985, escapou por pouco de uma sentença de morte? Apesar dos esforços incansáveis de Israel para que ele fosse extraditado, Jonathan Pollard teve que cumprir 28 anos de prisão até ser perdoado pelo governo de Barack Obama, contra a vontade do *establishment* militar dos EUA.

Também parece haver uma componente alemã e esta tem a ver sobretudo com os submarinos israelitas. A misteriosa afirmação de Angela Merkel, em 2008, de que a segurança de Israel era a razão de ser da Alemanha, foi recebida com entusiasmo pelo governo israelense. Agora, papagueada literalmente todos os dias pelo governo alemão e seus meios de comunicação, deve ser vista nesse contexto.

Como mencionado, seis submarinos foram entregues entre 1999 e 2023. Dos três primeiros, a Alemanha pagou por dois deles, enquanto o custo do terceiro foi compartilhado, supostamente como penitência pelo que os EUA alegaram ser a participação de empresas alemãs no desenvolvimento de armas de destruição em massa iraquianas – que, é claro, acabou por nunca ter existido. Pelos próximos três submarinos, a Alemanha concordou em pagar 600 milhões de euros.

Se os submarinos israelenses de fabricação alemã forem equipados para mísseis nucleares, não apenas a fabricante ThyssenKrupp, mas também o governo alemão ficaria sabendo. Isto também se aplica aos EUA, que teriam fechado os olhos ao fato de a Alemanha ter violado as suas obrigações ao abrigo do Tratado de não proliferação.

De 2016 até poucos meses antes da guerra de Gaza, a perspectiva de mais três submarinos de construção alemã, também a serem subsidiados pelo Estado alemão, foi discutida pelos dois governos. Mas, desta vez, havia dúvidas em Israel sobre se eram de fato necessários. Houve também um escândalo de corrupção do lado israelense, que envolveu, entre outras coisas, a contratação de um primo de Benjamin Netanyahu pela ThyssenKrupp como advogado.

Como o assunto foi investigado pelo Ministério Público israelense, isso foi transportado para o conflito constitucional entre o governo de Benjamin Netanyahu e o Judiciário. Em 2017, o lado alemão viu-se forçado a adiar uma decisão final até que as acusações de corrupção israelenses fossem resolvidas. Então, em janeiro de 2022, foi assinado o contrato para os três submarinos. Do preço estimado de 3 mil milhões de euros, a Alemanha pagará pelo menos 540 milhões de euros.

Israel nunca admitiu oficialmente que tem armas nucleares. Alguns de seus líderes, no entanto, muitas vezes primeiros-ministros aposentados, ocasionalmente deixaram pistas nesse sentido – provavelmente, não por acaso. Deixar uma questão em aberto significa que não há inspeções nem pressão da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Manter

a terra é redonda

potenciais adversários no escuro sobre o tamanho e o propósito exato, ou mesmo a própria existência, de sua capacidade nuclear também pode oferecer vantagens estratégicas. Nada se sabe ao certo, aliás, sobre a doutrina nuclear de Israel, por exemplo.

O que se pode supor é que Israel está determinado a continuar a ser a única potência nuclear na região – como indicado por seus bombardeios ocasionais de reatores nucleares na Síria. Mas também por meio de aberturas aos EUA para impedir que o Irã adquira bombas nucleares, não por meio de um tratado à la Obama, mas por meio de intervenção militar. Também pode ser assumido que Israel, ao contrário de outras potências nucleares, está impedida de usar primeiro as suas armas nucleares, uma vez que o país está cercado por várias nações com as quais se encontra em estado de inimizade.

Isso deve valer especialmente em uma situação em que o governo israelense considere a sobrevivência do Estado israelense em risco. Não se sabe exatamente o que essa sobrevivência significa, pois isso deve permanecer em aberto. Pode-se adotar, talvez, a definição tanto do governo extremista de direita de Benjamin Netanyahu quanto do governo da Alemanha, para quem o direito de Israel existir inclui o direito de Israel de definir suas fronteiras à vontade.

À medida que a guerra de Gaza continua, a incerteza em torno da força nuclear de Israel parece governar cada vez mais os eventos nos campos de batalha, diplomáticos e militares. Protegido por seu véu de imprevisibilidade, o governo israelense parece acreditar que pode infligir a Gaza e, em breve, talvez também à Cisjordânia, seja qual for a punição que escolher, sem ter que temer a interferência externa de ninguém. Nas últimas semanas, Benjamin Netanyahu agiu como se pudesse dizer a Washington, em particular, que seu apoio a Israel deve ser incondicional – já que, se pressionado, Israel poderia se defender por conta própria, contando com seu tripé nuclear.

O massacre de Gaza corre o risco de transformar Israel em um dos países mais odiados do mundo, junto com a Alemanha – que, ao contrário dos EUA, está solidamente unida em torno do governo de Benjamin Netanyahu; no entanto, parece haver uma visão estabelecida por parte do alto comando israelense de que isso não importa, já que nenhum governo próximo ou distante ousará ceder à pressão interna para apoiar Gaza.

Há outro ângulo nisso, e talvez ainda mais assustador. Em outubro de 1973, durante a guerra do Yom Kippur, foi gravada uma conversa entre Richard Nixon, então ainda presidente, e seu assessor mais próximo, Bob Haldeman. Essa gravação, mais tarde, ficou conhecida como as fitas de Watergate. Quando Bob Haldeman informou Nixon que a situação no Oriente Médio estava se tornando crítica, Nixon ordenou que as forças nucleares americanas em todo o mundo fossem colocadas em alerta máximo.

Bob Haldeman, atordoado: “Sr. Presidente, os soviéticos vão achar que você é louco. Nixon, em resposta, disse: é exatamente nisso que eu quero que eles acreditem”. Em um ambiente estratégico nuclear, a loucura crível pode ser uma arma eficaz, especialmente para um governo liderado por alguém como Benjamin Netanyahu. Como observado, Israel não tem uma doutrina nuclear oficial, e não pode tê-la, pois não admite ser uma potência nuclear. Mas parece provável que, se a existência de Israel estivesse ameaçada aos olhos de seu governo, ele não hesitaria em fazer uso de todas as suas armas, incluindo as nucleares.

Isso torna relevante que a atual coalizão de governo de Israel inclua pessoas que consideram a *Bíblia* uma espécie de registro de terras. Para muitos deles, o mito do suicídio em massa de Massada em 73 d.C., depois que a primeira guerra judaico-romana foi perdida, é uma poderosa fonte de inspiração política, um fato que não pode ser desconhecido para qualquer inteligência que ainda esteja à disposição do governo dos EUA.

Na verdade, há um modelo ainda mais antigo de heroísmo israelense, o mito de Sansão, que parece não ser menos popular entre pelo menos alguns dos estrategistas nucleares dentro e ao redor do comando das IDF. Sansão foi um governante de Israel – um “juiz” – nos tempos bíblicos, durante a guerra entre israelitas e filisteus no século 13 ou 12 a.C.

Como Hércules, Sansão foi dotado de força física sobre-humana, permitindo-lhe matar um exército inteiro de filisteus,

a terra é redonda

supostamente mil fortes, atingindo-os mortos com o osso da mandíbula de um burro. Depois de ser traído e cair nas mãos do inimigo, ele foi mantido prisioneiro no templo principal dos filisteus. Quando ele não podia mais esperar escapar, ele usou sua força restante para derrubar as duas poderosas colunas que sustentavam o telhado do edifício. Todos os filisteus morreram, juntamente com ele.

Comentadores radicais pró-israelitas afirmam as armas nucleares dão ao país uma “opção Sansão” – para garantir que, se Israel tiver de cair, os seus inimigos irão com ele. Mais uma vez, quando essa opção pode ser exercida depende do que o governo israelense em exercício consideraria uma ameaça à existência de Israel, o que para alguns pode incluir a imposição de uma solução de dois Estados pelo Conselho de Segurança da ONU.

Os mitos podem ser uma fonte de poder: uma ameaça crível de suicídio prolongado pode abrir muito espaço estratégico – o suficiente talvez para permitir que Israel limpe a faixa de Gaza de sua população infestada pelo Hamas, tornando-a para sempre inabitável. Se se acredita que é louco o suficiente para morrer por uma faixa de terra, ou por não ter que fazer concessões a um inimigo como o Hamas, um país como Israel pode, muito antes de realmente exercer sua opção nuclear, conseguir dissuadir países como o Irã, ou exércitos hostis como o Hezbollah, de atender aos apelos populares para acabar com a erradicação em massa por meios militares.

Os EUA perderam o controle sobre seu protegido, servo transformado em mestre, mestre em servo? Não é inconcebível que as desavenças públicas entre os dois até então inseparáveis irmãos de armas sejam simplesmente teatro, artifícios inventados para proteger os EUA da responsabilidade pelo massacre de Gaza. Mas isso está longe de ser certo, dado que a divergência entre as declarações públicas dos dois países sobre os objetivos legítimos da operação militar especial de Gaza se aprofundou quase a cada dia. Os EUA, chantageados pela ameaça de um Armagedom do Oriente Médio, são agora forçados a permitir que Israel busque a “vitória” a qualquer preço?

A capacidade de guerra nuclear de Israel confere à direita radical israelita um sentimento de invencibilidade, bem como uma confiança de que podem ditar os termos da paz com ou sem os americanos e, certamente, sem os palestinos? Os custos políticos incorridos pelos EUA para não acabar com a matança – não querendo ou não podendo fazê-lo – provavelmente serão gigantescos, tanto moralmente, embora possa não haver muito a perder a esse respeito do ponto de vista estratégico: a “nação indispensável” desfilou diante do mundo, impotente diante da desobediência descarada por parte de seu aliado internacional mais próximo. Por seu lugar na nova ordem global emergente após o fim do fim da história, isso não pode ser um bom presságio para os Estados Unidos.

***Wolfgang Streeck**, sociólogo, é diretor de pesquisas no Institut Max-Planck. Autor, entre outros livros, de *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático (Boitempo)*.

Tradução: **Eleutério F. S. Prado**.

Publicado originalmente no blog Sidecar da [New Left Review](#)

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)